

Flores brancas para Efigênia

Maria Auxiliadora de Almeida Cunha Arantes

O desejo de ter um filho e as dificuldades para engravidar levaram Efigênia a enfrentar um funesto destino, indo em busca de seu sonho de maternidade. Aqui, o relato e um fragmento da análise do caso.

Maria Efigênia me cumprimentou timidamente, de olhos abaixados. Sentou-se na ponta da poltrona e falando com os dentes quase cerrados, atados por um aparelho e uma borrachinha que amarrava os maxilares, disse: “vim aqui porque quero ficar grávida”.

Trajava uma calça azul-marinho, larga para seu esguio e alvo corpo, uma blusa branca, sapatos baixos, com a meia de náilon enrolada à altura dos tornozelos. No cabelo, uma borrachinha prendia os cabelos atrás da nuca.

Ouvia seu pedido que se misturava à sua aparência cansada e descuidada, talvez explicável pelo final de uma jornada de trabalho, em uma instituição financeira, onde tinha a responsabilidade de coordenação de colegas às voltas com contas, falências, perdas fi-

nanceiras, pedidos de empréstimo. Lidava o dia todo com pedidos extremos, dos quais dependia o destino de famílias, de pessoas simples, preocupadas com as contas a pagar e os próprios sonhos.

Ela me trazia um pedido claramente formulado, à queima-roupa, que foi se mostrando complexo à medida em que me contava sua história; falava de destino e de um desejo intenso.

Maria Efigênia era 7 anos mais velha que seu irmão, que a mãe lhe confiara para os cuidados de irmã-madrinha, o que a tornou responsável pelos horários

Maria Auxiliadora de Almeida Cunha Arantes é psicanalista, mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP, membro do Departamento de Psicanálise e professora do Curso de Psicossomática do Instituto Sedes Sapientiae. Escreveu *Pacto Re-velado – Psicanálise e Clandestinidade Política*, São Paulo, Escuta, 1995.

de comer e dormir, pelo desempenho escolar, higiene pessoal e demais providências decorrentes dos cuidados com uma criança. Seu irmão crescera cheio de vontades e até agora não conseguira se acertar profissional e afetivamente na vida, e ela e os pais continuavam se debatendo com a busca de caminhos que o ajudassem a se resolver.

Colocada no suposto *podium* da fertilidade, me vi às voltas com um crucial pedido: "vim aqui porque quero ficar grávida".

Sonho pulverizado

Efigênia casou-se aos 35 anos e ficou grávida aos 37. Uma gravidez desejada e planejada meticulosamente pelo casal. Compraram o enxoval em amarelo, pois não sabiam se era menino ou menina. O quarto todo era branco, e deixou para comprar o berço e a banheirinha só nos últimos meses, por uma superstição de família que dizia que podia agourar o nenê se o berço fosse comprado com muita antecedência.

Foi uma gravidez tumultuada pois teve uma "espécie de diabete", ficou muito inchada, precisando fa-

zer repouso no final. Ia ao médico, em geral sozinha, já que o marido trabalhava em horário muito rígido e também não queria pedir à mãe, idosa, para acompanhá-la; não queria preocupá-la. Sabia mais ou menos, que sua gravidez era de risco, e que com sua idade, as coisas se complicavam mais ainda.

Nas últimas semanas de gestação, começou a achar que o nenê tinha parado de mexer na barriga. O médico recomendou cuidados redobrados e pediu que voltasse à consulta dentro de alguns dias. Voltou no dia combinado e foi internada no ato. Havia suspeita de "placenta prévia" e o fato de o nenê não estar mexendo deixou o médico bastante preocupado após o exame.

Acabou por fazer uma cesariana, e o nenê nasceu morto, "já todo formado", um nenê muito lindo, de cabelos pretos.

Ela e o marido puseram o nome de Paulo Henrique e fizeram um enterro muito doído para toda a família. Foi enterrado no dia 2 de novembro, Dia dos Mortos, o que para ela pareceu também uma infeliz coincidência. Durante um ano, seu marido ia todo dia 2 ao cemitério, "visitar" Paulo Henrique.

Ela fora nos primeiros meses, depois achou meio esquisito ficando ao cemitério todo mês.

Resolveu então, passado pouco mais de um ano, tentar ter outro filho. Estava às vésperas de 40 anos, e precisava ter um filho agora ou então isso tornar-se-ia inviável, na sua opinião.

Quando chegou ao meu consultório, já tinha feito todas as avaliações médicas necessárias, estava apta a nova gravidez, embora igualmente arriscada. Viera encaminhada pelo seu clínico geral, pois há algum tempo estava tentando engravidar e não conseguia. Seu médico lhe dissera: isso é para ser "resolvido em terapia" já que não há nenhum impedimento somático para uma gestação.

E foi assim que eu, colocada

neste suposto *podium* da fertilidade, me vi às voltas com um crucial pedido.

Imediatamente me lembrei de que minha mãe tinha 44 anos de idade quando eu nasci e que meu nome é fruto de uma promessa feita por meu pai. Cresci sabendo desta história, comentada em casa com certa irreverência e jocosidade por meus irmãos mais velhos, dizendo que às vezes eu era mais atrapalhadora do que "auxiliadora".

Mas enfim, eu pensava, se há tantos anos atrás, com os recursos da medicina era possível controlar dificuldades de gestação, agora provavelmente, as possibilidades de sucesso seriam muito maiores.

Aceitei Efigênia depois de três entrevistas. Embora embalada pela minha história pessoal, tinha dúvidas sobre o que viria a aparecer.

Nova gravidez de Efigênia? Confirmação de impossibilidade de engravidar? Gravidez mal sucedida? Ou eu não teria nada a pensar sobre o pedido explícito, podendo escutar mais a ansiedade e receber o desvalimento de Efigênia, sem me envolver com os destinos do seu corpo...

Fizemos o contrato de uma sessão semanal, limitado pela sua disponibilidade e pelo seu convênio de saúde.

Fado ou destino

Joyce McDougall, em seu livro *As múltiplas faces de Eros*, ao trabalhar com o tema sexualidades arcaicas e o psicossoma, recorre aos conceitos de fado e destino de Christopher Bollas.

Fado é um elemento acidental, sobre o qual o indivíduo não tem controle direto, em oposição à pulsão de destino, que Bollas define como a ânsia de utilizar objetos por meio dos quais seja possível articular - e daí ser - o verdadeiro *self*. Bollas considera a pulsão de destino como "elemento que contribui

para a estrutura do caráter e, como tal, pode ser empregada para lidar com acontecimentos fatídicos".¹

O fado, dentro desta concepção, inclui os traumas universais e inevitáveis da humanidade, entre eles o envelhecimento e a morte.

Efigênia vivera uma experiência fatídica, com a morte de seu bebê. Seu sentimento predominante, ao contar o que ocorrera, era de revolta, pois achava que tudo poderia ter sido prevenido pelo médi-

pêutico.

Durante os primeiros meses ela se referiu à morte de Paulo Henrique como uma fatalidade, às vezes culpando o médico, às vezes a si própria por tentar uma gravidez tardiamente. Referia-se também ao ritual do marido de visitar o túmulo do filho como uma expiação, um tributo, alguma coisa como uma nuvem que pairava sobre suas vidas.

Trazia freqüentemente, nas ses-

artigos específicos. Às vezes ela lhe perguntava por que não jogava tudo fora, pois tudo era uma poeira só, e ele dizia que precisava deste material para seu trabalho.

Ela passava os fins de semana lavando e limpando a casa, menos o escritório. Não tinha ninguém para ajudá-la.

Paralelamente contava que continuava tentando engravidar e que este era seu objetivo do qual não abria mão.

Tecendo seu destino

Depois de quatro meses, desde que viera pela primeira vez, chegou com um ar maroto, trazendo um papel de laboratório: "estou grávida!".

A partir de então e durante os meses que se seguiram Efigênia falava da gravidez. Relatava com detalhes as consultas médicas, os testes para prevenir ocorrências que viessem a prejudicar a gestação; mandara exames para o exterior para ver se o feto "era normal" pois com a sua idade poderia haver problemas de mal formação. Tudo OK. Não havia nada que estivesse em desacordo com uma gestação normal.

Efigênia foi ficando mais cheia, aos poucos a calça larga que sempre usava ficou apertada. Vinha com blusas igualmente brancas, mais soltas. Depois de um tempo apareceu com os cabelos cortados e com um suave batom. Sorria ao contar que o sonho da nuvem tinha desaparecido. Que às vezes ela pensava no sonho, mas que ele mesmo, não aparecia mais.

Começou a usar uma sandália branca, pois os pés não estavam cabendo mais nos sapatos e a aliança não cabia no dedo. Falava na gravidez o tempo todo. Um dia o nenê começou a mexer e ela me dizia: "você está vendo daí?". Puxava bem a blusa, modelando a barriga; às vezes vinha até minha poltrona

Efigênia foi ficando mais cheia, a calça larga ficou apertada. Começou a usar sandália branca, pois os pés não cabiam mais nos sapatos e a aliança não cabia nos dedos.

co. Tinha querido tanto ficar grávida e vira seu sonho ser pulverizado. Inicialmente ficara sem ação, apática, quase não conseguira chorar. Só depois é que ficara revoltada e com raiva. Deixou passar um tempo e decidira tentar nova gravidez. Efigênia tomou sob sua tutela seu destino, que pode ser compreendido, dentro desta mesma construção teórica, como "elemento essencial e determinante (...), e que também permite modificações, através de ações durante todo o curso da vida".²

Hoje, a *posteriori*, penso que esta forma de compreender e tecer os fatos foi o que aconteceu com Efigênia durante o trabalho tera-

sões, um sonho que falava de uma nuvem escura, uma bola negra, um sonho do qual não podia escapar.

Contava também que tinha como missão na vida, cuidar: cuidar dos pais já envelhecidos, do irmão imaturo.

O marido era um bom companheiro, mas muito entristecido com a morte do filho. Ela falava em Paulo Henrique como se fosse um filho crescido, nunca usara a expressão "bebê" para se referir a ele, usando sempre o nome próprio e composto que dera ao filho.

O marido estava sempre metido em seu escritório, em casa, com papéis, revistas antigas que ele gostava de arquivar, textos, jornais com

bem perto, para eu ver.

Falava sobre o quarto do nenê. Primeiro pensou em fazer tudo de novo. Depois as condições materiais, prevaleceram e resolveram que ia ser o mesmo quarto, as mesmas roupas. Só o berço e a banheirinha seriam novos, pois tinham dado os de Paulo Henrique. Mudou um pouco a organização do armário, para ser uma coisa nova, modificada.

Quase não falava mais dos colegas de trabalho e na mãe sempre doente, e parecia que chateações antigas haviam ficado sem importância. Não era efusiva, tinha um temor velado sobre o que podia acontecer até a última hora. Haveria alguma coisa de destino na sua história?, me perguntava.

Ela mesmo respondia: “ah, não pode ser, este vai ser o único neto de minha mãe e ele tem que nascer antes de ela morrer. Quero cuidar, eu mesma, de um bebê. Eu vou ser uma boa mãe, cuidei muito bem do meu irmão quando ele era pequeno. Cuido bem da minha mãe, cuido bem dos meus funcionários.”

Já sabendo de recomendações anteriores, apesar de ter buscado outro médico, cuidava de si, com atenção. Contratou uma faxineira, descansava quando chegava em casa.

Aos sete meses de gravidez me disse: “não vou poder vir mais. O médico me mandou ficar em repouso. Vou tirar uma licença no trabalho.”

Fiquei um pouco sem ação, diante da exigência médica, pois era do final da gravidez que Efigênia tinha mais medo. Disse a ela que poderia então me ligar, no horário da sessão, se quisesse. E que me ligasse quando precisasse. Ela partiu, depois de um abraço desajeitado, muito emocionada. Eu igualmente me senti tocada pela despedida precoce.

Passaram-se semanas, e ao final de quase dois meses de nossa despedida, Efigênia me ligou: “Estou falando da cama do hospital,

com meu nenê nos braços.” Eu a cumprimentei com alegria.

Quando terminei a última sessão da noite, às 21 horas, fiquei pensando em Efigênia, nas sessões, nos seus medos, na sua determinação.

Ao sair do consultório, passei numa banca de flores no largo do Arouche, comprei uma *corbeille* de

se mamar aqui, na poltrona em que ela começou a existir. Ficou olhando o tempo todo para a nenê enquanto mamava. E eu olhava para as duas, sem dizer, ou conseguir dizer quase nada que valesse a pena. Acho que quase não falei nada. Era um momento para ser visto e sentido mais do que ouvido.

Ao sair do consultório, passei numa banca de flores no largo do Arouche, comprei uma *corbeille* de flores brancas e levei ao hospital. Meses depois, fui surpreendida por um choro de nenê na sala de espera do meu consultório.

flores brancas, e levei ao hospital, deixando com um cartão, na portaria, para ser entregue na manhã seguinte, a Efigênia.

Dei por finalizado o atendimento!

Fui contudo surpreendida, meses depois, com um choro de nenê na sala de espera. No intervalo, me deparei com Efigênia e seu bebê. Guardado por um macacão e um gorriño amarelo, se aninhava no seu colo. Efigênia parecia um sorriso único, bem disposta, toda de roupas claras, feliz. Sentou-se na poltrona de sempre e ficou falando com a nenê.

—“Viu filhinha, nesta poltrona é que eu e você ficamos sentadas enquanto você ainda estava crescendo na barriga da mamãe. Tá vendo a sala?”

Depois começou a dar de mamar e me disse: queria que ela vies-

Mesmo porque qualquer coisa dita, seria a mais.

Fiquei depois algum tempo pensando sem pensar, flutuando. E hoje passados quase dez anos, penso no privilégio raro de poder ter desfrutado dos resultados de um atendimento.

Tirando o véu

A aparência e a atitude de Maria Efigênia, desde que entrou em contato comigo, embora revelassem timidez e apãgamento no seu jeito descuidado e preso por atamentos de borrachinhas, desde sempre deixara transparecer um desejo sabido, mas sem garantias de realização. Quando chegou dizendo “quero ficar grávida”, é como se dissesse logo o que a trazia, para que eu pudesse ficar ciente, no ato de apresentação.

Talvez por receio de ela própria desistir de falar, à medida em que fosse contando sua história. Era como se tivesse posto à minha frente uma caixa fechada, e atada, cujo conteúdo vinha rotulado com letras explícitas. O que iria falar ao longo do tempo, ela sabia que sabia, mas não tudo o que sabia. Queria uma testemunha, e aos poucos mais do que isso: alguém que pudesse cuidar dela e de sua história.

Estava cansada de cuidar dos

profissionalmente, os filhos “funcionários” estavam dando certo, queria ter muitas certezas antes de engravidar pela primeira vez. Por isso deixou para mais tarde a primeira tentativa. Queria testar, no trabalho, que era boa “cuidadora”. O que teria faltado para dar certo com seu bebê?

Pelo que foi contando, era evidente que estivera o tempo todo da gravidez muito só: a mãe e o marido não podiam acompanhá-la ao

cemitério “ver” o filho. Já tinha pago, a peso de ouro, seu tributo à “mã maternagem” de seu irmão. Seu próprio bebê também não dera certo. Na primeira gravidez, este luto pelo irmão adulto/criança, não tinha podido se realizar. Por isso talvez, a enorme diferença de atitude entre ela e seu marido, quando seu bebê nasceu morto. O marido tinha um longo luto a elaborar. Efigênia tivera que fazer um luto “à queima-roupa”. Há maior fatalidade para uma mãe suportar? Estava agora, quites com seu fado. Queria então desenhando seu destino, e diferenciando-se do marido foi jogando tudo fora: o bebê irmão e o seu bebê - queria outro bebê, um bebê só seu para cuidar, como uma escolha própria, cujo preço estava disposta a pagar.

Ao vir à terapia, buscou um lugar de fertilidade “garantida”. Seu médico lhe dissera que com a terapia podia conseguir ficar grávida. O médico lhe possibilitou acreditar em sua capacidade de gerar outro bebê, e lhe indicou o caminho do cuidado que uma “mãe terapeuta” podia proporcionar. Por isso a clareza do pedido ao chegar.

Embora eu não soubesse toda a história quando Efigênia veio, o jeito de pedir algo tão explícito, mobilizou em mim o sentimento de quem é colocado no lugar de fiador: poderia bancar esse pedido? Também à queima-roupa fui tomada por um movimento de precoce certeza. Eu podia oferecer, no mínimo um acolhimento, poderia gestar junto com ela alguma coisa. Seria um bebê? À medida em que a história foi se desenrolando me vi às vezes no lugar de um irmão mais novo, (que dera certo, apesar da irreverência dos meus irmãos mais velhos), sabia que sabia que era possível dar certo. Às vezes ficava no lugar da mãe que acompanha a gestação da filha.

Quando Efigênia reafirmou seu desejo próprio de ser mãe, convencendo inclusive o marido de seu desejo, ela estava jogando fora os

O pedido de Efigênia mobilizou em mim o sentimento de quem é colocado no lugar de fiador: poderia bancar esse pedido? Ela queria uma testemunha, alguém que pudesse cuidar dela e da sua história.

outros. Desde muito cedo o encargo que sua mãe lhe dera, de cuidar do irmão, fora um peso. Muitas vezes deixara de brincar para ajudar o irmão nas tarefas escolares. Em nenhum momento pudera reclamar pois no início achava uma honra ser madrinha do irmão. Com o tempo isso tornou-se um peso e ainda continuava a ser, pois o irmão adulto era dependente financeiramente, ficava em casa sem trabalho definido, parecia que todo o investimento de cuidar não tinha dado o resultado esperado. Fora uma derrota. Era como um filho que não “vingou”.

A primeira gravidez de Efigênia tinha de certo modo repetido esta experiência. Embora ama-durecida

médico e no cuidado de si própria.

Não tinha o modelo de uma mãe terna; tivera que desenvolver um modelo de cuidado, e pensava que a culpa de não ter dado certo com seu irmão era sua. A impossibilidade de conter um filho próprio, já que o irmão era o filho de sua mãe, se expressava até mesmo quando assumiu o mito de que o berço e a banheirinha tinham um “feitiço” embutido. A possibilidade de conter um bebê estava atravessada por vaticínios que assumia como seus. “Comprá-los só às vésperas do nascimento do bebê.” E apesar de tantos cuidados, o insucesso se repetira. O lado do sucesso do insucesso se revelava quando contava que pouco foi ao

antigos papéis: queria que ele jogasse também. A vantagem de a barriga crescer, durante a gravidez, era o proclama do novo momento que chegava mês a mês. Eu e as pessoas que a rodeavam éramos testemunhas oculares. Isto servia como um acúmulo de auto-confiança, também reafirmada pelos exames no exterior, consultas médicas continuadas em permanente vigilância, cujo conteúdo fazia parte de suas sessões comigo.

Mudou coisas no quarto do bebê, comprou o berço e a banheira, já podia conter o seu bebê. Quando estava tudo garantido, (o bebê já podia nascer, mesmo que prematuro), Efigênia entrou em resguardo antecipado. Retirou-se para ficar sentindo o bebê o tempo todo.

Depois, meses mais tarde, voltou para devolver a "promissória" que pediu para eu avaliar: trouxe seu nenê para eu ver, ou melhor para me ver. "Viu filhinha...?" Amamentou seu bebê frente à "mãe" que a acompanhara como se dissesse: "também sou mãe, posso cuidar e alimentar plenamente minha filha".³

Por acréscimo

Pensando nos limites e possibilidades de um tratamento, fiquei às voltas com uma questão: o que é a cura em psicanálise? Vou recorrer às contribuições de Nasio, expostas no seu livro *Como trabalha um psicanalista?*

Nasio escreve que tanto Freud e mais tarde Lacan disseram que a cura não é um conceito da psicanálise, embora a psicanálise produza efeitos curativos. "Ou seja: a análise produz efeitos de diminuição, e até de desaparecimento do sofrimento do paciente. São efeitos que se produzem em momentos vários do tratamento, às vezes depressa demais, desde as primeiras entrevistas, às vezes tardiamente, bem depois do término do tratamento e enfim, raramente, - pelo menos na

minha experiência - por ocasião das últimas sessões."⁴ A cura é um conceito da medicina, o que deixa o médico num lugar de poder, como quem detém alguma coisa para dar ao paciente. Freud por exemplo retomou o aforismo do médico e anatomista Ambroise Paré, "Eu o trato, Deus o cura", quando falou aos médicos sobre o tratamento analítico. Para Nasio, a cura é antes

A cumplicidade entre o soma e o psíquico vai além do que um analista pode supor. O resultado vem mesmo, por acréscimo.

de tudo uma demanda de quem consulta! A eliminação do sofrimento ligado aos sintomas, "está na decisão de um paciente de consultar um psicanalista e da demanda de solicitar-lhe que seja desembaraçado de seu sofrimento (...), logo o paciente demanda e crê".⁵

Penso que foi esta a crença expressa por Efigênia ao buscar o tratamento; sua demanda se anunciou na sua primeira fala.

Se a cura é uma demanda do paciente, qual a relação do analista com a cura? O que pode um analista esperar? Neste aspecto há uma reflexão impar de Nasio quando diz

que independente da formação e da orientação do analista, ele tem uma responsabilidade "quase um dever ao qual não pode se subtrair, isto é, esperar - digo esperar - uma melhora nas posições subjetivas e objetivas de seu analisando".⁶ Mas o desvelamento na cura, só vem mesmo por acréscimo, é um algo *a mais* que o analista espera, mas nunca pode ter a certeza de que vai "saber" o que ocorreu com o paciente.

O fato de Efigênia ter retornado, para apresentar sua conquista, renunciada pelo resultado do teste de gravidez e pela gestação que avançava, foi talvez, este a mais que veio sem ser previsto. Ela tomou das malhas do seu fado, os fios com que refez seu destino: sendo mulher continuou a querer ser mãe, tendo experimentado no ventre o silêncio da morte, não se curvou; reinventou, dentro de si, nova vida.

Ao pensar em seu pedido ao chegar e no seu gesto ao final, imagino o desenho de uma elipse que pelo tempo cronológico da gestação, se materializou de forma tão explícita.

A cumplicidade entre o soma e o psíquico vai muito além do que um analista pode supor durante seu ofício, mesmo que já "exausto" de teorizar sobre este pacto. O resultado vem mesmo, por acréscimo. ■

NOTAS

1. J. McDougall, *As múltiplas faces de Eros*, São Paulo, Martins Fontes, 1997, p.129.
2. J. McDougall, *o.p. cit.*, p.129.
3. Agradeço os generosos comentários de Cecília L. M. Hirchzon, que enriqueceram a elaboração deste item: **Tirando o véu**.
4. J. D. Nasio, *Como trabalha um psicanalista?* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999, p.159.
5. J. D. Nasio, *o.p. cit.*, p.161.
6. *o.p. cit.*, p.159.